

O velho do Restelo e a empresa de Vasco da Gama na epopeia lusíada



O velho do Restelo. Columbano Bordalo Pinheiro. Pintura a óleo. 1904, fotografia (detalhe).

Cleber Vinicius do Amaral Felipe

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). cleber.ufu@gmail.com

O velho do Restelo e a empresa de Vasco da Gama na epopeia lusíada

The Old Man of Restelo and Vasco da Gama's endeavor in the *Lusiadas* epopee

Cleber Vinicius do Amaral Felipe

RESUMO

As palavras proferidas pelo velho do Restelo no canto IV da epopeia *Os lusíadas* (1572), de Camões, integram um dos episódios mais comentados do poema. Este artigo propõe uma análise dessa personagem que leva em consideração os códigos linguísticos da época, avaliando a mobilização (ou imitação) de lugares-comuns presentes na tradição ou no costume do gênero épico. Há, em sua fala, a presença de tópicos muito antigas, como a valorização da experiência, a censura à cobiça e o elogio à prudência, tornando a passagem rica e central no conjunto do poema, por remeter àquilo que se esperava de súditos católicos a serviço da Coroa portuguesa. Por intermédio deste estudo, poder-se-á refutar a hipótese segundo a qual tal episódio estaria em desarmonia com o restante da epopeia por retratar uma posição contrária à empresa marítima portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: *Os lusíadas*; velho do Restelo; gênero épico.

ABSTRACT

The words uttered by the "Old man of Restelo" in the epic *Os lusíadas* (1572), by Camões, are part of one of the most commented episodes of the poem. This article proposes an analysis of this character taking into account the language codes of the time, evaluating the mobilization (or imitation) of clichés from tradition or from custom of the epic genre. In his speech, there are very old topics, such as valuing experience, condemning greed and praising prudence; this makes the passage rich and central in the poem, as it refers to what was expected from Roman Catholic vassals of the Portuguese Crown. This study refutes the hypothesis according to which this episode would be in disharmony with the rest of the epic because it would portray a position that is contrary to the Portuguese maritime endeavor.

KEYWORDS: *Os lusíadas*; Old Man of Restelo; epic genre.



É no canto IV da epopeia *Os lusíadas* (1572) que nos deparamos com as palavras proferidas pelo velho do Restelo. Pretende-se analisar os dizeres desta personagem levando-se em consideração a emulação de lugares comuns presentes na tradição do gênero épico. Tópicos antigas como a valorização da experiência, a censura à cobiça e o elogio à prudência integram seu discurso, tornando esta passagem nuclear no conjunto do poema, por remeter àquilo que se esperava de súditos católicos a serviço da Coroa portuguesa. Através deste estudo, poder-se-á refutar a hipótese segundo a qual esse episódio estaria em desarmonia com o restante da epopeia por supostamente retratar uma posição contrária à empresa marítima portuguesa.

Faria e Sousa, um dos primeiros comentadores do poema de Camões, afirmou que o velho do Restelo representava o reino de Portugal.¹ O filólogo alemão Wilhelm Storck o equiparou ao coro das antigas tragédias gregas. Teófilo Braga encontrou nas asseverações deste sábio um teor de protesto político contra as iniciativas da monarquia portuguesa.² Joaquim Nabuco toma-o como descendente dos antigos heróis, sendo ele o “vulto de uma idade vencida”, e/ou representante do povo.³ Afrânio Peixoto associa sua fala ao “juízo da multidão”, interpretando-o como personificação do “outro” Portugal, nortenho, agrícola, próspero, conservador e terrestre.⁴ Hernâni Cidade considera essa figura um sintoma da “esquizofrenia” de Camões, dividido como estava entre a condenação e a exaltação da empresa ultramarina.⁵ Tal posição de Cidade foi amplificada por Sylmara Beletti e Frederico Barbosa, que sugerem o “fim orgânico dos lusíadas” justamente pela existência de um “Camões ideológico” e de um “Camões contra-ideológico”.⁶ Fernando Alves Pereira refere também ao “conflito de ideias” pelo qual estaria passando Camões, em uma época em que tudo “parecia contraditório”, sendo a fala do velho do Restelo o desabafo de um povo explorado, deixado à parte em sua pátria.⁷

J. S. da Silva Dias não toma o sábio como um porta-voz de Camões, mas o associa à “expressão do pessimismo histórico, ético e antropológico que alastrou em Portugal, desde o terceiro quartel do século XVI, sobre a gesta nacional dos descobrimentos e sobre o império ultramarino, tanto em África como no Oriente”.⁸ Essa forma de pensar seria corroborada, por exemplo, por Beatriz Fiquer, que igualmente associa as admoestações do velho à situação decadente de Portugal.⁹ Massaud Moisés aprecia seu discurso como texto medieval, heterodoxo, contrário ao mercantilismo, um “contraponto dialético do arcabouço renascentista do poema”.¹⁰ José de Pina Martins estabelece nexos entre os dizeres do velho do Restelo e de Sá de Miranda, o que o leva a classificá-lo como uma espécie de “anti-herói”. Analogias entre escritos de Antonio de Guevara e o episódio camoniano foram observadas por Vítor Aguiar e Silva, para quem a personagem camoniana acabaria por efetuar a “dilaceração do monolinguismo épico”, decorrente, quem sabe, da “ambivalência indecível com que Camões aprecia, valora e julga a empresa dos descobrimentos”.¹¹

Os pareceres da fortuna crítica, como se pode ver, tomam a fala do velho do Restelo ora como contraponto à glorificação das navegações portuguesas, espécie de “anticlímax da epopeia”¹², para utilizar uma expressão de Alfredo Bosi; ora como expressão de um “outro” Portugal, medieval, campestre, antigo; ora como desdobramento de um pessimismo histórico, com indícios da decadência portuguesa. Muitas análises apreendem o século XVI como um momento “contraditório” e “decadente” da história portuguesa, no qual um poeta agudo como Camões só poderia manifestar-se com “pessimismo” e “ambiguidade”. Não é por acaso que o episódio continua a despertar o interesse dos estudiosos, afinal, foi vítima de polêmicas desde a primeira metade do século XVI. No entanto, muitas análises acabam associando a fala da personagem às intenções do poeta, como António Sérgio, que supõe uma simpatia do poeta pelo velho do Restelo.¹³ José Régio, além de propor um Camões esquizofrênico, cogita uma solidariedade do poeta para com esse episódio.¹⁴ Essa hipótese agrada igualmente a António José Saraiva, que acredita tratar-se do próprio poeta manifestando-se pela boca de sua personagem, demonstrando reprovação pela matéria histórica de que se ocupa.¹⁵ Hernâni Cidade chega a associar o

¹ Ver SILVA, Vítor Aguiar e. *A lira dourada e a tuba canora: novos ensaios camonianos*. Lisboa: Livros Cotovia, 2008.

² Ver BRAGA, Teófilo. *Camões: a obra lírica e épica*. Porto: Livraria Chardron, 1911.

³ Ver NABUCO, Joaquim. *Camões e os lusíadas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1872, p. 96-101.

⁴ Ver PEIXOTO, Afrânio. *Ensaaios camonianos*. São Paulo: Gráfica Brasileira, 1947.

⁵ Ver CIDADE, Hernâni. *Luis de Camões: o épico*. Amadora: Bertrand, 1975.

⁶ BELETTI, Sylmara e BARBOSA, Frederico. *Inês de Castro e o velho do restelo*. São Paulo: Landy, 2001, p. 61.

⁷ Ver PEREIRA, Fernando Alves. *Uma leitura dos excursos n'Os lusíadas*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UFRN, Natal, 2005.

⁸ *Apud* SILVA, Vítor Aguiar e, *op. cit.*, p. 122.

⁹ Ver FIQUER, Beatriz. *A decadência portuguesa n'Os lusíadas e a recepção contemporânea do épico camoniano*. São Paulo: Fiuza, 2012.

¹⁰ MOISÉS, Massaud. A fala do velho do Restelo: heterodoxia? In: *Homenagem a Alexandrino Severino*. Austin: Host, 1993.

¹¹ SILVA, Vítor Aguiar e, *op. cit.*, p. 128.

¹² BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹³ Ver SÉRGIO, António. *Obras completas*. Ensaios IV. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1972.

¹⁴ Ver SILVA, Vítor Aguiar e, *op. cit.*, p. 120-121.

¹⁵ Ver SARAIVA, António José. *Luis de Camões*. Lisboa: Europa-América, 1959.

tom de desalento do poeta à experiência não apenas do poeta, mas também de outros contemporâneos seus, como aqueles que escreveram as histórias trágico-marítimas.¹⁶

As maneiras como o episódio camoniano é lido coincidem, muitas vezes, com a forma como são tratadas as narrativas de naufrágio. Também nesse caso, supõe-se a existência de informes mais “realistas”, espécie de “lado obscuro” da epopeia. Fomes, naufrágios, pestes e outros elementos dessa natureza acabam sendo associados a uma situação de “decadência”, que supostamente já teria sido indicada na epopeia lusíada. Parece-nos que tais análises não são absurdas ao propor analogias entre as experiências trágicas das navegações e a polêmica fala do velho do Restelo: o que nos inquieta são os elementos utilizados para propô-las. Será mesmo que o velho do Restelo e as narrativas de naufrágio propõem o estilhaçar da dimensão épica dos descobrimentos, tratando-se de uma “indisfarçável metonímia da decadência”?

A personagem de Camões situa-se, historicamente, no ano da partida de Vasco da Gama. Entre este momento e a edição da epopeia lusíada há um intervalo de mais de 70 anos. O futuro que o velho do Restelo “profetiza” corresponde a episódios do passado, que o poeta e o leitor já conheciam. A personagem é uma invenção camoniana que reúne em si a experiência do poeta, e não propriamente de alguém que já contava com idade avançada no crepúsculo do século XV. Quando Camões confere voz ao sábio, o desfecho das navegações já era sabido. Sendo assim, devemos partir do pressuposto de que o leitor, ao deparar-se com este episódio, já conhecia os resultados dos feitos portugueses que o poeta toma por matéria. Logo, é preciso investigar a autoridade que a figura do velho confere aos informes que o poeta lhe atribui.

É comum tomar o velho do Restelo como um tipo “medieval”, “agrícola”, “nortenho”, “pessimista”, “contraditório”, “disfórico” e, portanto, contrário ao tipo “industrioso”, “aventureiro”, “sulista”, “marítimo”, “otimista”, “eufórico”. Antes de qualquer coisa, como saliente o próprio Camões, devemos concebê-lo como tipo “velho” e “experiente” para, só então, compreender algumas das implicações de seus dizeres.

A tópica da experiência

A valoração da experiência aparece em diferentes episódios da *Iliada*. Durante a homenagem fúnebre tributada a Pátroclo, os aqueus se preparavam para uma corrida. As palavras abaixo foram proferidas por Nestor e direcionadas ao seu filho, que se preparava para a competição:

*Ainda que moço, meu filho, aprendeste de Zeus e Posido,
Que te são muito afeiçoados, as regras da equestre corrida.
Não necessito, por isso, falar-te com muitas minúcias,
Que em torno à meta voltar te é bem fácil. Contudo, são lerdos
Teus dois cavalos, razão por que temo qualquer desventura.
Em recompensa, se os outros aurigas dispõem de parrelha
Mais desenvolta, a eles todos excedes em férteis recursos.
Deves, portanto, meu caro, valer-te de todos os meios
Que te ditar o intelecto; a perder não me venhas o prêmio.
Na derrubada das árvores, mais vale o jeito que a força;
É a habilidade, somente, que em mar tempestuoso permite*



*Ao timoneiro seu frágil batel conduzir com firmeza.
Com arte, assim, vence o auriga prudente os demais contendores.*¹⁷

O astuto Antíloco, que aprendeu as artes equestres com os deuses, superava todos os seus oponentes no quesito habilidade. Para dizê-lo, o poeta evoca um símile, equiparando sua perícia à de um timoneiro prudente que conduz seu frágil batel por um mar tempestuoso. Contudo, seus cavalos eram inferiores, o que poderia prejudicá-lo e legar a vitória a outro que, menos habilidoso, contava com corcéis mais ágeis. Na corrida, Antíloco utiliza-se de malícia astuta, e aproveita-se do *kairos* (momento oportuno) para vencer o carro de Menelau, que seguia na dianteira. Devido às suas manobras desleais, Antíloco é censurado por Menelau, detentor da “experiência do velho” e, por isso, um herói que “pode explorar de antemão as vias múltiplas do futuro, pesar os prós e os contra, decidir com conhecimento de causa”, previsão que faltou ao filho de Nestor, indicando “a falta de reflexão da juventude” e a impulsividade que lhe priva do reto agir.¹⁸ Para enganar Menelau, a “astúcia prudente de Antíloco interpreta a loucura. O jovem, calculando seu golpe e conduzindo reto seus cavalos sobre a linha escolhida, simula a irreflexão e a impotência, fingindo não ouvir Menelau gritando-lhe para tomar cuidado”.¹⁹ Menelau desvia-se do caminho, pois acreditava que a manobra de Antíloco se devia à falta de experiência, mas o jovem estava simulando, sem se preocupar com os resultados de sua ação, mas voltando-se inteiramente para o imediato e para a possibilidade da vitória seguida de glória.

Aristóteles ocupou-se da tópica das idades em sua retórica. Aqueles que atingem a fase adulta, diz ele, “não mostrarão nem confiança excessiva oriunda da temeridade, nem temores exagerados, mas manter-se-ão num justo meio relativamente a estes dois exemplos”.²⁰ Alia-se, a um só tempo, o belo, que atrai o jovem, e o útil, ambicionado pelo velho. No caso dos velhos, o filósofo orienta: “como viveram muitos anos, e sofreram muitos desenganos, e cometeram muitas faltas, e porque, via de regra, os negócios humanos são malsucedidos, em tudo avançam com cautela e revelam menos força do que deveriam”.²¹ O acúmulo de experiência priva-os do ímpeto da juventude, mas alimenta seu juízo e temperança, de forma a torná-los bons conselheiros.

Em meio à multidão que assistia à partida das naus na praia de Restelo, um velho se ergue, meneando a cabeça em claro sinal de desaprovação, e adverte aos presentes em alto e bom som:

*Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C’uma aura popular, que honra se chama.*

*Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de desamparo e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com que se o povo néscio engana.*²²

¹⁷ HOMERO. *Iliada* (em versos). Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, canto XXIII, v. 306-318, p. 506.

¹⁸ DETIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: as astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 30.

²⁰ ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Edições de Ouro, 1980, capítulo XIV, p. 156.

²¹ *Idem, ibidem*, capítulo XIII, p. 155.

²² CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*: edição antológica, comentada e comparada com *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida* por Hennio Morgan Birchal. São Paulo: Landy, 2005, IV, 95-96, p. 145.

²³ Ver SARAIVA, António José, *op. cit.*, p. 124.

²⁴ CAMÕES, Luís, *op. cit.*, IV, 101, p. 148.

²⁵ *Idem, ibidem*, IV, 97, p. 145.

²⁶ Ver BUENO, Alexei. Introdução. In: BRITO, Bernardo Gomes de. *História trágico-marítima*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998, p. X.

²⁷ CAMÕES, Luís. *Os lusíadas*. Porto Alegre: L&PM, 2008, IX, 93, p. 276.

A fama, neste caso, significa glória movida pela vaidade, desejo pela autorrealização. Esta motivação, afirma a personagem, é digna dos mais infames vitupérios. O “povo néscio”, que muito facilmente se deixa enganar, concebe esta cobiça como algo realmente “ilustre”. O velho, no entanto, assumindo o papel de homem discreto, não se deixa levar pelas tentações da glória infame, julgando tal tendência como desajuizada, como uma avaria à empresa no ultramar. Saraiva acredita tratar-se de um desprezo pelo vulgo decorrente da formação humanística do poeta.²³ Entretanto, da forma como aparece no poema, essas palavras parecem sugerir a imprescindibilidade do desengano, pois homens sem letras e/ou de experiência reduzida tendem a apreender as coisas do mundo pela aparência.

Em outro momento, o velho do Restelo coloca em evidência a dilatação do Império e, novamente, o propósito dos nautas:

*Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!*²⁴

A incerteza do trajeto e das futuras consequências da viagem nos remete à novidade da empresa que estava por iniciar. A ambição por “novos reinos”, diz o sábio, levaria ao abandono de Portugal e desamparo da população. Em outra estrofe, ele amaldiçoa aquele que inventou a primeira nau, pois esta criação estimulou o anseio por descobertas e, em consequência, por fama, comum àqueles que se alimentam da cobiça. A estes, a personagem deseja a inglória e a perda do nome, que é duplamente trágico: o nome se perde com o corpo, que perece nos confins do mar, e a fama se esvai em seguida, em decorrência do fracasso da empresa. Para estes, o que a empresa lhes renderia? “Que promessas de reinos e de minas/ De ouro, que lhe farás tão facilmente?/ Que famas lhe prometerás? Que histórias?/ Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?”²⁵

De acordo com Alexei Bueno, estas duras palavras com entonação profética poderiam muito bem decorrer da ansiedade causada pelos horrores de um naufrágio, ou pelos perigos que assolavam a tripulação durante os árduos momentos da viagem.²⁶ Ou seja, tomando a estrofe acima como referência, nada há de restar para aqueles que têm a fortuna como obstáculo. Não haverá consolo, riquezas, mercês, histórias, pois os propósitos, quando movidos pelo ímpeto particular, são desde a sua gestação perdidos. Não entendemos, como quer Hernâni Cidade, a existência de um Camões favorável e outro contrário à empresa no ultramar. As orientações de conduta que o poema propõe, antes de qualquer coisa, tendem a demonstrar um caminho acertado e moralmente correto, e outros que, apesar de recorrentes, são imorais e enganosos. Para isso, o poeta engenhosamente adota um procedimento retórico apologético: anuncia uma postura favorável e outra que lhe contradiz. Ao aedo, portanto, caberia divulgar e alinhar as posturas possíveis, utilizando a desfavorável para legitimar e amplificar as propriedades daquela julgada favorável. Por outras palavras, como que numa balança, deveriam ser pesados os

prós e os contra da empresa ultramarina: na equação final, predomina a postura mais acertada e ajuizada.

Não há, assim, a omissão de posturas contrárias às que o poeta canta, mas sim a refutação dialética dos argumentos contrários à empresa ultramarina, o que confere maior importância à postura que se quer defender. Eleva-se o mérito da ação ajuizada e, por inversão, desacredita-se o seu inverso em prol de uma didática que ensina como não agir. Supor, portanto, o “fim orgânico” do poema significa negar a unidade épica e seu engenho retórico-poético. Em momento posterior, Camões continua sua censura à cobiça:

*E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente.
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.²⁷*

Anuncia-se o falso herói e, ao mesmo tempo, subtende-se a necessidade do herói verdadeiro. É do primeiro que trata o velho de Restelo e o movimento que Camões delimita para o seu poema tende a valorizar Gama como herói prudente: ele anuncia, a princípio, o *alter* vaidoso no ato da partida para, no decorrer da trama épica, demonstrar que Vasco da Gama e seus homens correspondiam justamente ao oposto. Postula-se o caminho tortuoso para, a partir dele, demarcar a justa ação. O aedo define seus protagonistas como sendo o oposto do que preconiza, com censuras severas, o velho sábio:

*Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer Nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.²⁸*

Quanto à empresa movida por “justa glória”, o velho de Restelo nada tem a censurar. Esse louvor “doce”, resultado de trabalhos suados, é que ancora a matéria poética. No caso, os artifícios retóricos utilizados não pretendem corroborar a “organicidade” do poema, mas sim, contando com a discrição do auditório, desconstruir uma postura “vulgar” e, sobre ela, erigir uma justa e memorável. Se não existe, por um lado, contradição e dubiedade quanto à postura assumida pelo poeta, por outro, há a necessidade de julgar a melhor conduta de forma prudente, evitando-se o seu oposto.

Como recorda Afrânio Peixoto, a figura de um velho é conveniente nessa ocasião: a experiência, no caso, é requisito de prudência. A comparação que Peixoto faz entre essa sábia personagem e o coro de musas da tragédia grega é pertinente: afinal, compete ao coro, dentre outras coisas,

²⁸ *Idem, ibidem*, V, 92, p. 169.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, Santo. *A prudência: a virtude da decisão certa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 82.

³⁰ AUBENQUE, Pierre. *A prudência em Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 99.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, Santo, *op. cit.*, p. 11.

³² *Idem*.

³³ CAMÕES, Luís, *Os lusíadas*. Porto Alegre, *op. cit.*, IV, 102-104, p. 144.

alertar o(s) protagonista(s) e os leitores sobre os riscos ocasionados pela desmedida, passível de finais trágicos. A figura do velho, à maneira, por exemplo, de Nestor, conselheiro dos gregos na empresa contra Troia, recobra para si o discernimento e a experiência de alguém que viveu o suficiente para formar juízos sobre a atitude de um homem e sobre as “coisas do mundo”. Para utilizar, por fim, o exemplo que inaugura esse tópico, o juízo provindo da experiência pode ser associado à Menelau que, frente às ousadias do oponente Antíloco, soube impor seu bom juízo e censurar a dissimulada desconsideração do jovem. Desconsideração que Tomás de Aquino avalia como sendo imprudente, pois denota “defeito no reto juízo”.²⁹

A experiência é categoria fundamental para se entender o teor daquilo que diz o velho do Restelo. Como nos adverte Pierre Aubenque, a experiência, em Aristóteles, “supõe a soma do particular e está, pois, na rota do universal”. Em seguida, ele afirma que a “experiência não é repetição indefinida do particular, mas já se introduz no elemento da permanência; é esse saber antes vivido do que aprendido, profundo porque não deduzido, e que reconhecemos naqueles dos quais dizemos que ‘têm experiência’”.³⁰

Neste caso, a experiência é retratada não apenas como requisito para a prudência, mas como parte dela. Já pensando na leitura que São Tomás de Aquino faz da prudência, o papel central do homem que detém tal virtude é “aplicar os princípios universais às conclusões particulares do âmbito do agir”.³¹ Aquino não restringe o conceito de prudência à experiência, o que seria reduzir um termo ao outro. Muito pelo contrário, a prudência que ele chama de “verdadeira” ou “perfeita” depende também do ensino e de outros elementos que ele divide em dois setores mais gerais: a dimensão cognoscitiva, referente à memória, razão, inteligência, docilidade e sagacidade, e a dimensão de comando, relativa à previdência, circunspeção e prevenção.³²

Vociferando, o velho de Restelo termina sua arenga:

*Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!*

*Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu
Em mortes, em desonras (grande engano!).*

*Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!³³*

Estes trechos foram retirados das últimas três estrofes do canto IV e nos levam a recordar outro lugar comum associado ao caráter do velho. Aristóteles afirma que o acúmulo de experiência leva o homem a desenvolver certos aspectos excessivos em seu caráter: se tornam, por exemplo, desconfiados e suspeitosos, pois sofreram inúmeros desenganos durante a vida. De acordo com o filósofo, eles “vivem de recordações mais que de

esperanças, porque o que lhes resta de vida é pouca coisa em comparação do muito que viveram”.³⁴ O fato de amaldiçoar aquele que criou a primeira nau, destinando-lhe o inferno, a desilusão frente à humanidade, que se utilizou do fogo cedido por Prometeu para provocar mortes e desonras, e a tentação a que se submete a “humana geração” faz com que o velho, adornado de uma vasta experiência, se atenha mais ao “útil”, deixando de lado a esperança e se mostrando pouco propenso à espera.³⁵ Como ele se pauta mais nas recordações, significa que nenhum exemplo despertou-lhe esperança. Sua insatisfação, portanto, antecede a jornada de Vasco da Gama. A possível conotação “pessimista” do velho de Restelo pode soar como uma prova a ser vencida, uma vez que o artifício apologético tende a conferir feições à postura vil para que ela possa, em seguida, ser refutada com argumentos que apelam para as ações nobres dos protagonistas.

Esse aspecto pode ser apreendido, também, nos escritos de Horácio quando, em sua arte poética, estabelece o *éthos* das idades: o velho, para ele, age geralmente com temor e frieza e apresenta um caráter descontente, tratando-se de um homem “inerte e ávido do futuro”, e “louvador dos tempos passados”. Por essa razão, Horácio afirma que ele “castiga e censura os que são mais novos”.³⁶ Mais uma vez, essa interpretação sugere que a inclinação do velho de Restelo se dê mais pela idade e pela desconfiança perante as gerações que o sucedem, do que necessariamente por “prever” aspectos negativos referentes à empresa de Vasco da Gama. Longino, seguindo os passos de Horácio, enfatiza e generaliza o “pessimismo” dos homens em relação ao seu presente, dizendo que é comum falar mal do seu tempo.³⁷

Para utilizar um exemplo mais ou menos contemporâneo à obra camoniana, o *éthos* da velhice é retomando também por Baldassare Castiglione. Seguindo os passos de Aristóteles e de Horácio, ele afirma: “Não sem maravilha, várias vezes considerei onde surge um erro, que se acredita ser próprio dos velhos, pois neles se encontra universalmente: é ele o de que quase todos louvam os tempos passados e criticam o presente, vituperando nossas ações, maneiras e tudo aquilo que não faziam em sua juventude”.³⁸ Castiglione, assim como Aristóteles e Horácio, não deixa de salientar os ganhos acumulados com o passar do tempo, como prudência, juízo, moderação etc. Isto não impede, contudo, que os velhos se tornem críticos e pouco afeitos aos jovens, por entender que “todo bom costume e toda boa maneira de viver, toda virtude, tudo enfim, vai sempre de mal a pior”.³⁹

A reprimenda efetuada na praia de Restelo, portanto, extrapola a empresa de Vasco da Gama, tratando-se de um alerta ao leitor ambicioso que se deixa mover pela cobiça. O velho, prudente e experimentado, olha para o presente com pessimismo e sem esperanças, o que deixa o seu olhar turvo perante as possibilidades de glória vindoura. O que falta a ele, no caso, é o conhecimento da empresa de Vasco da Gama, que, àquela altura, estava por iniciar.

O velho do Restelo é um retentor de memórias, que ele revela como se fossem profecias. O lugar do qual fala a sábia personagem de fato coloca os dados que expõe num futuro próximo, que para o leitor são acontecimentos passados e bem conhecidos. A longa vivência desse experimentado súdito português lhe confere autoridade para falar com juízo e “prever”, sem nenhuma implicação heterodoxa, fatores que confirmariam as suas proposições. Embora crítico, sua fala amplifica as conquistas portuguesas

³⁴ ARISTÓTELES, *op. cit.*, capítulo XIII, p. 154 e 155.

³⁵ *Idem.*

³⁶ HORÁCIO. Arte poética. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *A poética clássica*: Aristóteles, Horácio, Longino. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 57.

³⁷ Ver LONGINO. Do sublime. In: BRANDÃO, Roberto de Oliveira, *op. cit.*, p. 113.

³⁸ CASTIGLIONE, Baldassare. *O cortesão*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 83.

³⁹ *Idem.*

que se iniciariam ali, com a partida de Vasco da Gama. Suas profecias e imprecações, portanto, não se mostram incapazes de deter o fluxo dos acontecimentos. Conjugam-se, portanto, os atributos comumente associados ao lugar destinado ao “velho”, como a experiência e o “pessimismo” em relação ao presente, e uma postura instrutiva, pedagógica, que orienta ao apontar para os erros a serem evitados. É como se as advertências, que presumimos serem direcionadas aos nautas portugueses, ultrapassassem este limite e, como profecias, fossem direcionadas ao futuro, aos leitores, aos pósteros que, ciente de todas aquelas memórias narradas pela personagem camoniana, evitariam recair em erro semelhante. A unidade da obra não apenas se mantém como também atende ao decoro externo, adequando-se à recepção.

É verossímil que o velho, na situação de retentor de memórias, signifique a personificação da memória compartilhada não necessariamente no momento da partida de Vasco da Gama, mas dos leitores d’*Os lusíadas*. Tais memórias, coletivas e anônimas, forjadas através do engenho poético, encontram no velho do Restelo subsídio e autoridade. De individualidade caduca e “pessimista”, essa personagem passa a simbolizar as aflições, as dores, o sofrimento, mas também os anseios, as perspectivas, os sonhos e, sobretudo, os juízos que assinalam uma conduta ética ao condenar a cobiça, a ambição e as paixões em geral. A trajetória de Vasco da Gama nos leva a entender o seu silêncio frente às admoestações do velho: não é o silêncio de quem ignora o que foi dito, tampouco de quem não apreende a pertinência daquelas palavras. Trata-se do silêncio de quem não se identifica com o perfil pintado pela personagem. Um silêncio reflexivo que poderia denotar humildade, atenção e aprendizado. As palavras do velho de Restelo, que supomos serem direcionadas aos nautas portugueses, ultrapassam as naus lusitanas, trafegam pelos mares da poesia épica camoniana para, finalmente, ancorar os juízos do leitor.

A viagem, o naufrágio e a prudência

Segue abaixo uma das odes atribuídas a Horácio, traduzida por Ariovaldo Augusto Peterlini:

*Que a Deusa poderosa e senhora de Chipre,
que de Helena os irmãos, rutilantes estrelas,
e o pai dos ventos, tendo a todos prisioneiros,
mas não o Iápix (noroeste) favorável, a bom porto
te conduzam, ó nau, que me deves Vergílio,
que de ti confiei; suplico o restituas
são e salvo aos confins dos litorais da Ática
e me preserves a metade de minha alma.
Tinha carvalho e três de bronze duras lâminas
em volta ao peito o que, primeiro, ao mar bravio
ousado confiou uma frágil jangada;
o que não vacilou ante o vento Africano (sudoeste)
num vórtice veloz de encontro aos Aquilões (nordeste),
nem feias Híades temeu, nem fero Noto,
senhor maior que o qual não tem o Adriático,
quer queira encapelar, quer serenar as ondas...
De que aproximação da morte não tremeu*



quem, sem lágrimas, viu esses monstros nadantes,
 quem viu, primeiro, o mar nas fúrias da borrasca
 e as fragas enfrentou de nome Acroceráunias.
 Inutilmente um Deus sensato separou,
 com o oceano divisor, as terras, se, contudo,
 ímpios batéis os mares cruzam proibidos...
 Audaz em tudo ousar, a raça humana vai
 precipite rompendo as leis, em sacrilégios.
 Atrevido e falaz foi o filho de Jápeto,
 quando em nefasto artil trouxe aos povos o fogo.
 Com o fogo roubado à etérea morada,
 sobre a terra tombou a desgraça da fome
 e estranha multidão de doenças sem nome...
 E o outrora moroso implacável da morte,
 tão distante até ali, amiudou seu passo.
 Foi com ímpias asas ao homem não dadas
 que Dédalo o vazio do espaço esquadrinhou.
 Hércules, num trabalho, o Aqueronte rompeu.
 Nada para os mortais existe de difícil.
 Pedimos com loucura o próprio imenso céu,
 nem deixamos jamais, por nosso sacrilégio,
 que Júpiter descanse a ira de seus raios.⁴⁰

O poeta, no caso, pede a Vênus, aos irmãos Cástor e Pólux (constelação protetora dos navegantes) e a Éolo que guiem a nau de Virgílio. Essa ode é entendida como exemplar do gênero *propemptikon*, discurso de boa viagem recorrentemente praticado por poetas “helenísticos”. Tal poema foi alvo de polêmicas, pois não há consenso quanto ao teor da ode (se sério ou irônico) ou à motivação do poeta (elogiar a audácia humana ou condená-la). A ode certamente mobiliza a tópica da ousadia humana ao indicar feitos que desafiam os desígnios “superiores”. Há quem a conceba como alegoria, através da qual o aedo estaria elogiando as habilidades poéticas de Virgílio, que teria navegado pelos mares da epopeia.⁴¹ Em outra ode, Horácio utiliza a tópica da *aurea mediocritas*, que diz: “Feliz aquele que, longe dos negócios,/ como a antiga raça de mortais,/ faz trabalhar seus bois nos campos paternos,/ livre de toda usura,/ e não o acorda, qual a um soldado, a cruel trombeta,/ nem teme o mar bravio, / e evita o fórum e os soberbos limiares / dos poderosos”.⁴²

Passando ao lado das polêmicas relativas a essas odes, é possível notar que Camões as emulou no canto IV de sua epopeia, justamente no episódio de velho do Restelo. Por outras palavras, Camões imitou um gênero comumente utilizado em discursos de boa viagem num momento decisivo do poema: a partida das naus rumo à descoberta das Índias. Se o poeta lusitano leu metaforicamente a ode, compreendendo-a como elogio a Virgílio, talvez as imprecações do velho do Restelo, além de orientar os leitores quanto às condutas virtuosas, amplificaria a própria empresa poética de Camões, que estaria singrando os mares da epopeia à maneira do poeta romano.

Henrique Dias, em seu relato de naufrágio da nau São Paulo, de certa forma mobiliza estes tópicos retóricos ao discorrer sobre os perigos do mar e o conforto de quem permanece em terra:

⁴⁰ Apud HASEGAWA, Alexandre Pinheiro. O Epodo X de Horácio e a recusa do gênero épico. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 5, p. 28.

⁴¹ *Idem*.

⁴² Apud FONSECA, Carlos Alberto Louro. Horácio em A vida de Soares de Passos. Coimbra: Humanitas, 1967, p. 80. Sobre a ode I, 3, ver FREITAS, Leandro César de Albuquerque. *Ecos bucólicos: relações entre as bucólicas de Virgílio e a primeira parte da Marília de Dirceu de Gonzaga*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFJP, João Pessoa, 2008, e CARUSO, Pellegrino. *Problemi testuali nel libro primo dei Carmina di Orazio*. (Dottorato) – Università Degli Studi di Salerno, 2010.

⁴³ Apud BRITO, Bernardo Gomes de, *op. cit.*, p. 259.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 193.

⁴⁵ CORTE-REAL, Jerônimo. *Naufrágio e lastimoso sucesso da perdição de Manoel de Sousa Sepúlveda, e Dona Lianor de Sá sua mulher e filhos, vindos da Índia para este Reino na nau chamada o galeão grande S. João que se perdeu no cabo de boa Esperança, na terra do Natal. E a peregrinação que tiveram rodeando terras de Cafres mais de 300 léguas até sua morte.* Lisboa: Typografia Rollandiana, 1783, p. 16.

*Pelo que a experiência nos ensina que quem o pode escusar vive em mais tranquilidade de espírito de tanta confusão, e antes, com menos na terra que atravessar o mar por coisas tão transitórias, e de pouca dura; e na terra viver como bom cristão, cumprindo a Lei de Deus dentro no grêmio da Santa Madre Igreja de Roma e multiplicando os talentos que o Senhor a cada um de nós entregou, porque dando-lhe boa conta, mereçamos ouvir dele no porto de salvação aquela suave voz: “Vem, bom servo e fiel, porque em pouco foste fiel, sobre grandes cousas te perei; entra em o prazer e contentamento de teu Senhor, que é a Glória”, a qual ele por sua bondade nos queira dar.*⁴³

Este desfecho da narrativa remete ao seu princípio, quando o narrador afirma: “Acontece muitas vezes a voz do povo ser juízo do Senhor e falar pela boca dele o que há-de vir”.⁴⁴ Se podemos associar o “juízo do Senhor” à voz emprestada ao velho do Restelo, dificilmente se poderia crer que suas asseverações fossem contrárias ao projeto de ampliação do império e divulgação da fé cristã. Antes de retomar a parábola dos talentos e referir à tranquilidade de quem pode ficar no reino, Henrique Dias havia citado o salmo 106, que discorre sobre a experiência dos homens no mar e a reconhece como obra do Senhor. Com duas passagens bíblicas, portanto, o narrador alude à felicidade de quem permanece em terra e multiplica seus talentos e à prudência e temor necessários para fazer cessar as tempestades. O vociferar do velho do Restelo, tipo detentor de vasta experiência, não parece contradizer a empresa ultramarina, mas ponderar sobre suas fortunas e fadigas. Mais fácil seria não se colocar à prova, mas, como assevera Henrique Dias, nem todos podem ser dar ao luxo de evitá-la.

Horácio toma por corajoso o primeiro que encarou o mar bravio. O velho do Restelo condena-o pela mesma coragem, já que oferece condições para a promoção da cobiça e ambição humanas. Ambos mencionam as experiências de Prometeu, Hércules e Dédalo para amplificar as implicações da empresa navegadora e condenar os excessos, a *hybris*. Trata-se, nesse caso, de uma amplificação da arrogância e da promoção de uma política do desengano.

O poeta Jerônimo Corte-Real nos faz entender o quão odioso lhe parece o pecado da cobiça:

*Muito pode a cobiça, mas se imprime
Nos fracos corações baixos vulgares,
Não há torre, nem muro onde não suba:
Não há prisão tão forte, que não rompa
No que se mostra mais cerrado entra,
O que parece mais seguro escala,
Por demais é guardar, nem ter vigia
No que por qualquer preço fica fácil.*⁴⁵

Tal como o velho do Restelo, o aedo, nesse caso, associa o poder destrutivo da cobiça ao vulgo (“fracos corações baixos vulgares”). Os relatos de naufrágio também aludem à prática da cobiça, reproduzida ao longo das navegações, sobretudo quando relacionada aos então chamados “homens do mar”. No relato de naufrágio da nau São Bento, deparamo-nos com a seguinte narrativa:

Esta noite, porque fazia luar, foram três marinheiros correr a praia com esperança

*da tormenta passada, e acharam na boca do rio um tubarão lançado à costa, o qual repartiram entre si, e cada dous dedos de posta nos venderam por quinze e vinte cruzados; e a falta doutros mantimentos fazia tanta sobejidão que compradores que depois do corpo ser levado a este preço não faltava quem desse pela metade da cabeça vinte mil réis; de modo que bem se pudera comprar nesta terra muito arzoada quinta com o que aquele peixe rendeu.*⁴⁶

Para além da avareza e do interesse no lucro, há, em outra passagem, desta vez localizada no relato de naufrágio da nau São Paulo, uma alusão que ressalta a natureza vil desses homens:

*E por certo cousa muito miserável e de contar a diversidade das condições humanas; e muito mais para chorar suas cobiças e misérias, porque, indo a nau caindo sobre o ilhéu, em que apenas havia tocado, já a gente do mar andava escalando arcas e arrombando câmeras, e fazendo fardos e trouxas, como se estiveram em terra habitada e de muitos amigos, comarcãos e vizinhos de sua pátria e natureza, e tivessem mui seguros e certos, caminhos e direitas estradas por onde caminhassem, e embarcações boas em que navegassem.*⁴⁷

A descrição continua: “Desta maneira andavam, uns roubando e destruindo tudo, assim os que estavam na nau como outros que estavam em terra, abrindo barris, arcas e caixões, que o mar já de si deitava; mas quem se espantará ou haverá por novidade achar-se isto em gente do mar, tão inumana, se os conhecer, e lhes souber das más inclinações, e quão pouca lei tem com Deus, nem caridade com o próximo?”⁴⁸

A crítica, no caso, não foi direcionada à obtenção de riquezas simplesmente, mas à maneira vil de se obtê-las: “foram deitando todas as riquezas e louçainhas, de que a nau ia riquíssima, ganhando tudo com tanto suor de uns, e com tanto encargo de outros”.⁴⁹ Note-se, portanto, o momento de desengano: “como homens pasmados, parecendo um sonho, verem assim uma nau, em que havia pouco iam navegando, tão carregada de riquezas e louçainhas que quase não tinham estimação, comida das ondas, submergida debaixo das águas, entesourando nas concavidades do mar tantas coisas, assim do que nela iam, como dos que ficavam na Índia, adquiridas pelos meios que Deus sabe”.⁵⁰

Riquezas, tratadas com tanta estimação, acabavam se tornando instrumentos de perdição:

e não foi também aqui pequeno o lugar que a infinidade de perdidas fazendas ocupava, porque tudo quanto podíamos estender os olhos de uma e outra parte daquela praia estava cheio de muitas odoríferas drogas e outra infinita diversidade de fazendas e cousas preciosas, jazendo muitas delas ao redor de seus donos, a quem não somente não puderam valer na presente necessidade, mas ainda a alguns, de quem eram so-bejamente amadas na vida, com seu peso foram causa da morte; e verdadeiramente que era uma confusa ordem com que a desventura tinha tudo aquilo ordenado, e que bastava a memória daquele passo para não ser a pobreza havida por tamanho mal que por lhe fugir deixemos a Deus e o próximo, pátria, pais, irmãos, amigos, mulheres e filhos, e troquemos tantos gostos e quietações pelos sobejos que cá ficam. Enquanto vivemos nos fazem atravessar mares, fogos, guerras e todos os outros perigos e trabalhos, que nos tanto custam; mas por não contrariar de todo as justas escusas que por si podem alegar os atormentados das necessidades, cortarei o fio ao católico estilo, porque me ia e levava a memória e medo do que ali foi representado,

⁴⁶ BRITO, Bernardo Gomes de, *op. cit.*, p. 63.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 233.

⁴⁸ *Idem*.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 345.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 349 e 350.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 39.

⁵² “E como o propósito com que este rei ali nos desejava, não fosse todo fundado em virtude, mas parte em interesse, como peste geralmente criada nas mais das pessoas (por rústicas que sejam), e este fosse haver de nós algum ouro ou joias dele, não porque lhe sejam necessárias para seus usos, mas por saberem que os portugueses do navio que ali foram os anos passados compraram estas cousas aos que roubaram a Manuel de Sousa Sepúlveda a troco de contas, que eles têm por tão precioso tesouro como nós a pedraria ou seu semelhante, como discreto e sagaz que era quis haver isto à mão com o menos escândalo nosso que ser pudesse”. *Idem, ibidem*, p. 81.

⁵³ “Assim, não nos contentando com o que nos é dado e concedido de Deus, nos obriga nossa cobiça, *omnium malorum radix*, deixar nossa amada pátria e lares próprios, tão desejados, só por fugirmos à pobreza, que não pode ser maior que a deste estado, em que sofremos e passamos o fogo e frio de ambas as zonas, tão memoradas dos antigos, a que eles nunca cometeram nem viram, e menos experimentaram suas quenturas e frialdades”. *Idem, ibidem*, p. 221.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 33.

⁵⁶ “Non discurris nec locorum mutationibus inquietaris. Aegri animi ista iactatio est: primum argumentum compositae mentis existimo posse consistere et secum morari”. SÊNECA. *Letters à Lucilius*. Paris: Les Belles Lettres, 1985, v. I, ep. 2, 6, p. 5.

*recolhendo-me a meu propósito, que é escrever somente a verdade do que toca aos acontecimentos desta história.*⁵¹

Após o naufrágio, já durante a peregrinação, a cobiça dos “nativos” passava, igualmente, a trazer problemas aos portugueses, então desamparados de quase todas as suas posses.⁵² Em outro momento, a pobreza é tomada como um dos incentivos à viagem, justificativa para o enfrentamento de mares bravios.⁵³

O narrador retoma a autoridade de Ovídio, dizendo “que cresce o amor e cobiça do dinheiro, tanto quanto ele mais cresce”, e que por isso as riquezas “enganam e atraem para si os ânimos mortais”.⁵⁴ As consequências, na maioria das vezes, são dramáticas, como no episódio que segue: “rostos cobertos de tristes lágrimas e de uma amarelidão e trespassamento da manifesta dor e sobejo receio que a chegada da morte causava, ouvindo-se também de quando em quando, algumas palavras lastimosas, sinal certo da lembrança que ainda naquele derradeiro ponto não faltava dos órfãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos pais que cá deixavam”.⁵⁵

O desengano, no caso, faz enxergar uma vida que a cobiça não deixou ver. As lágrimas manifestaram-se como resultado da purgação e da penitência, num reconhecimento derradeiro da condição de pecador.

Muitas vezes concebido como manifestação do trágico, o discurso do Velho do Restelo, assim como as relações de naufrágio, figuram um *topos* da prudência antiga, desafiada e inaceitável para os portugueses. Se a viagem, nas epopeias gregas, representava a restauração da ordem, no caso português trata-se da instauração de uma ordem nova. A prudência antiga pode ser representada pela sabedoria que Sêneca felicita na atitude de Lucílio, na sua 2ª epístola: “não corras o mundo nem te inquietes com mudanças de lugar. Tal agitação é própria de um ânimo enfermo. A primeira prova de uma mente bem composta é, a meu ver, poder conter-se e residir em si”.⁵⁶ O que outrora caracterizava um “ânimo enfermo”, a *hybris*, deixou de sê-lo para os portugueses, empenhados como estavam em conquistar novas terras e ampliar a fé cristã. Logo, não há contradição no episódio do Velho do Restelo, mas antes a presença de uma tópica antiga, prudencial, que demarca o caráter inaugural e virtuoso da empresa de Vasco da Gama.

Artigo recebido em setembro de 2017. Aprovado em outubro de 2017.